

Editorial

PEDAÇOS DE MEMÓRIA

A recente notícia sobre a perda de alguns dos preciosos azulejos que recobrem a fachada do prédio que abriga o Cartório do 1º Ofício, na Rua Grande, reacende a questão sobre a responsabilidade pelos antigos imóveis coloniais da cidade.

Sem a intervenção do Estado e sem qualquer preocupação por parte das sucessivas administrações municipais, ao longo das últimas três décadas, Viana perdeu a maioria de seus casarões históricos e com eles ruíram pedaços importantes da memória desta centenária cidade.

Foi assim com o casarão que abrigou a residência e o comércio do Sr. Levi Coelho no Canto Grande; com o sobrado que abrigou a Escola do Antônio Rayol, na Rua Cônego Hemetério, e com o antigo Porão da família Mendonça, na Celso Magalhães. Sem falar no assombroso caso da demolição do sobrado do Dr. Ozimo de Carvalho (a mando do então prefeito Walber Duailibe) e do casarão do Sr. Heitor Piedade, na Rua Coronel Campelo, completamente desfigurado para sediar a agência do Banco do Brasil.

Enquanto alguns continuam a desmoronar lentamente – como é o caso do sobrado amarelo da família Gaspar também na Cônego Hemetério, e do sobrado da família Matos (conhecido na cidade como morada da Filhinha) na Rua grande – outros iniciam o mesmo processo, a exemplo do sobrado da família Gomes, na Praça da Matriz, e da casa que pertenceu ao ex-prefeito Ezequiel Gomes, na Praça Duque de Caxias.

Quando se lembra da cultura de preservação disseminada entre a própria coletividade local de tantas outras cidades históricas brasileiras, a exemplo de Parati (RJ), São Cristóvão (SE), Mariana e Ouro Preto (MG) – apenas para citar algumas – a pergunta que sempre vem à tona é: por que em Viana não acontece o mesmo? Qual o motivo de tanto descaso e tanta insensibilidade? Será que somos realmente mais ignorantes ou mais irresponsáveis?

A justificativa vianense é quase sempre a mesma: normalmente são muitos herdeiros e como ninguém tem interesse ou condições de arcar sozinho com os custos da preservação do imóvel, deixa-se que o tempo se encarregue de destruir um bem de tanto significado histórico.

E assim, apaga-se a memória dos homens que construíram esta cidade nos últimos dois séculos, não importando se foram políticos, comerciantes, fazendeiros, professores ou músicos. Todos trabalharam e suaram muito para deixar esse legado arquitetônico às gerações vindouras. Legado este que, lamentavelmente, não aprendemos a valorizar.

Residência da Família Pinheiro

LUIZ ALEXANDRE



Na tentativa de sensibilizar a comunidade local para a importância da preservação do patrimônio azulejar vianense, estamos republicando neste espaço as chamadas sobre esses poucos imóveis que testemunham o rico passado comercial vivenciado pelo município, no final do século 19.

Como dissemos em nossa edição nº 14 (novembro/2006), esta meia morada, situada à Rua Antônio Lopes, nº 193, foi construída no ano de 1899 e pertenceu ao casal Honório e Mariana Belo. Vários outros inquilinos ou proprietários ocuparam a casa, antes de seu atual proprietário Manoel Pinheiro.

Revestida por belíssimos azulejos portugueses,

esta autêntica residência do período colonial mereceu destaque no livro *Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão*. A decoração dos azulejos em azul e branco é conhecida como “luz e sombra”, uma imitação de enxaquetado, enquanto a barra da fachada é composta por azulejos verdes estampilhados. Todos produzidos pela Fábrica Viúva Lamego de Portugal.

Como sempre enfatizamos em nosso jornal, este é mais um imóvel merecedor de todo o cuidado por parte de seu atual proprietário, assim como pela administração municipal, pelo muito que representa para o patrimônio histórico de Viana.

JAQUELINE SEREJO/LUIZ ALEXANDRE



LANÇAMENTOS DE LIVROS

Duas obras de autores vianenses foram lançadas durante a 8ª Feira do Livro de São Luís, realizada entre os dias 1º a 5 de novembro passado, no Convento das Mercês.

A primeira delas, intitulada *Novos Diálogos do Direito de Família*, de autoria do desembargador Lourival Serejo, foi lançada na tarde do dia 1º. No dia seguinte foi a vez do professor José Raimundo Franco lançar *Veias do rio Maracu*, um verdadeiro portfólio ambiental do município de Viana.

Antes do lançamento, os autores fizeram rápidas explanações sobre os temas de seus livros e responderam às perguntas do público presente.

Em data ainda a ser agendada com os autores, a AVL deverá promover o lançamento das duas obras, em Viana, nos primeiros meses de 2015.

INSURREIÇÃO DE ESCRAVOS EM VIANA – 1867 (3ª EDIÇÃO)

Em 1867, doze anos após ter sido elevada à categoria de cidade, Viana atravessava sua fase de maior prosperidade comercial, graças à mão de obra escrava que sustentava a economia local nas lavouras de algodão e arroz que se multiplicavam pela zona rural do município.

Foi quando Viana se tornou palco de uma das mais articuladas insurreições de escravos ocorrida em território brasileiro. Em busca da liberdade, depois de saquearem as fazendas de Santa Bárbara, Santo Inácio e o engenho do Timbó, rendendo seus proprietários e feitores, centenas de escravos ameaçavam invadir e tomar a cidade.



A revolta alcançaria repercussão em todo o Maranhão e abalaria a estrutura econômica da época, como se pode constatar no livro *Insurreição de Escravos em Viana – 1867*, de autoria de Mundinha Araujo, lançado em sua 3ª edição durante a recente Feira do Livro de São Luís.

A obra é de leitura obrigatória para quem se interessa em conhecer um dos capítulos mais importantes da história de Viana (e do Maranhão), além de inteirar-se de parte dos motivos que levaram a então 3ª cidade mais importante do Estado (depois de São Luís e Alcântara) ao gradativo e irreversível declínio comercial.

NATAL COM REIS MAGOS



FOTOS: LUIZ ALEXANDRE

Graças ao trabalho incansável e à dedicação de Maria das Neves Ferreira Assunção (Das Neves) e Maria da Conceição Nunes Machado (Maria Prego) teremos novamente a encenação de “Reis”, em Viana, neste período natalino de 2014.

A primeira apresentação do grupo será na Praça da Matriz, no dia 12 de dezembro, durante a abertura oficial do “Natal dos Lagos” da Prefeitura Municipal de Viana. Além desta, o “Reis”

fará mais cinco apresentações em locais públicos, como nas Praças de São Benedito e da Bíblia, Parque Dilú Mello e no bairro Piçarreira. O auto fará sua última apresentação no dia 6 de janeiro (dia de Reis), às 20 hs, encerrando a programação do Natal dos Lagos.

Coreografado por bailados ao som de canções natalinas, o auto popular de origem portuguesa é recheado de recitativos que relatam a magia da noite do nascimento do Salvador do Mundo

e a posterior visita dos reis Belchior, Baltazar e Gaspar, trazendo suas oferendas ao recém-nascido.

Em tempos passados, os Reis e as Pastorais marcavam o período natalino em Viana. Ao contrário das Pastorais que se realizavam em palcos e teatros improvisados, os Reis saíam às ruas com seus cânticos e danças para se apresentarem nas casas de famílias, principalmente naquelas que tinham o presépio armado na sala.

Fábrica de Natal

A Prefeitura Municipal instalou uma Fábrica de Natal com objetivo de apoiar o trabalho dos artesãos locais na produção de enfeites e adereços natalinos. O projeto é uma realização da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social em parceria com a Associação dos Artesãos de Viana.

Depois de participarem de uma oficina de qualificação ministrada por instrutores do Ateliê Linha Verde da cidade de Benevides (PA), há três meses, os artesãos vianenses iniciaram os trabalhos com o objetivo de produzirem todo o material que será utilizado na decoração da cidade, durante a programação do “Natal dos Lagos.”

A ideia foi abraçada com muito entusiasmo pelas demais secretarias do município, que estão dando todo o suporte necessário aos artesãos da terra.



GERALDO COSTA

No cruzamento da Coronel Campelo com a Sete de Setembro, a casa que abriga o empreendimento; ao lado, um dos trabalhos dos artesãos vianenses

EX-PREFEITO RECEBE HOMENAGEM

ALEXANDRE ABREU

Construído na gestão de Djalma Campos, no início da década de 90, o Terminal Rodoviário de Viana recebeu o nome de Acrísio Mendonça em cerimônia realizada no último dia 21 de novembro, a qual contou com a presença do atual prefeito da cidade, Chico Gomes, de alguns de seus secretários, de representantes da Câmara Municipal e, logicamente, dos filhos e demais descendentes diretos do homenageado.

Para quem não sabe, a abertura e inauguração da primeira via terrestre, ligando Viana a São Luís, ocorreu na gestão do prefeito Acrísio Mendonça (1966 – 1970). Daí a justificativa para a proposição do então vereador Ismael Abreu, aprovada pela Câmara Municipal em 2005, mas que somente agora foi tirada do papel.

Ao fazer seu pronunciamento, o prefeito Chico Gomes enalteceu



O prefeito Chico Gomes e o ex-vereador Ismael Abreu com os irmãos Mendonça

as virtudes de seu antecessor e lembrou causos do passado nos quais Acrísio Mendonça se tornara protagonista. Presente ao evento, o ex-vereador Ismael Abreu igualmente usou da palavra para destacar o pioneirismo do homenageado. Para

finalizar, o médico Marluio Mendonça agradeceu, em nome de todos os irmãos, a homenagem feita à memória do patriarca da família, lembrando que naquele dia, se vivo fosse, Acrísio de Sousa Mendonça estaria completando 104 anos.

Carta recebida

Niteroi, 26/09/14.

Caro Luiz,

Queremos deixar registrada nossa grande satisfação em receber periodicamente este excelente jornal, muito bem redigido, sempre com temas de elevado interesse e cuidadosamente impresso. A cidade de Viana é merecedora de um jornal desse quilate e os idealizadores e responsáveis pelo mesmo, você destacadamente à frente, são merecedores da maior admiração do povo de Viana e dos inúmeros leitores, disseminados em várias partes do Brasil.

Forte abraço,
Marluce Mendonça e Miguel Roeder

O vianense rei da gastronomia

Luiz Alexandre Raposo

Embora neto de Bonifácio Serra, cidadão de marcante atuação na história da enfermagem local, Miguel Moisés Coelho Serra optou por uma profissão bem diferente daquela que tanto distinguiu seu avô em Viana. Dono de vasto currículo na área gastronômica e como único chef maranhense diplomado, ele detém experiências como cozinheiro ou chef de cozinha de restaurantes famosos, como o Parigi de São Paulo, o Nostradamus de Fortaleza, o Amazon Beer de Belém e o Móbile de São Luís. Isso sem falar no trabalho de consultoria, montagem e treinamento de cardápios prestados a vários restaurantes de cidades como Manaus (AM), Curitiba (PR), Campinas e Ribeirão Preto (SP) ou Uberaba (MG).

Chef por acaso – Tudo começou com uma pequena barraca, que ele e dois amigos montaram na Avenida Litorânea, em São Luís, com o objetivo

de vender cerveja para os amigos conterrâneos, após a pelada semanal na beira da praia. Durante a primeira gestão do prefeito Jackson Lago, na década de 90, ao ser aprovado o projeto de padronização das barracas da Litorânea, Miguel conseguiu se cadastrar, ganhando assim o direito de exploração comercial naquele espaço físico tão disputado.

Enquanto tentava tocar os negócios na então “Barraca São Marcos”, interessou-se em fazer um curso de cozinheiro oferecido pelo Senac de São Luís. Os oito meses de duração do curso serviram para que ele descobrisse realmente o gosto pelas panelas. Em 1995 foi aprovado em 1º lugar, como cozinheiro, em concurso público promovido pela UFMA. Mas não demorou muito no novo emprego, pois logo decidiu se inscrever no curso de “Cozinheiro Chefe Internacional” do Senac de São Paulo (que mantinha convênio com *The Culinary Institute of América* de Nova York), onde teria a grande oportu-

nidade de aprimorar-se na arte culinária, durante dois anos, sob a orientação de professores internacionais.

Em 1997, concluído o curso, iniciou-se definitivamente na profissão, prestando serviços em restaurantes, hotéis e *resorts* de várias capitais e cidades balneárias como Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, e São Sebastião, no litoral paulista. Nesse ínterim, trabalhou ao lado de um dos grandes nomes da gastronomia internacional, o francês radicado no Brasil, Laurent Suaudeau.

O retorno ao Maranhão – Em 2005, Miguel retornou ao Maranhão, quando prestou serviços durante um ano e meio no Armazém Estrela (no centro histórico de São Luís), enquanto reativava o antigo empreendimento na Avenida Litorânea, rebatizado com o nome de “Barraca do Chef”.

Atualmente, aos 48 anos, além de administrar seu próprio restaurante (aberto de segunda a sábado até as 23 hs e



O chef vianense à entrada de seu restaurante

domingo, até as 18 hs), onde são servidos os mais variados pratos de frutos do mar, o chef Miguel ministra treinamento sobre prática do forno combinado (espécie de forno com quatro funções que inclui a combinação do calor seco com o vapor) no Maranhão e Piauí.

Casado com a conterrânea, Helena Santos, e

pai de duas garotas, o 6º filho de Seu José Serra e Dona Maria Pureza já encaminhou dois de seus irmãos na mesma profissão: Willianny Serra, que é subchef no Empório Santa Cruz e o caçula, João Serra, que é chef-consultor no Restaurante *Expand*, ambos localizados no bairro do Calhau, em São Luís.



Miguel durante uma oficina gastronômica promovida pelo CEUMA no Shopping Tropical e a “Barraca do Chef” na Avenida Litorânea (Praia de São Marcos), em São Luís



FOTOS: LUIZ ALEXANDRE/MIGUEL SERRA

ALGUNS PRATOS DO CARDÁPIO DA BARRACA DO CHEF



Camarão com tapenade



Filé de pescada com espaguete de legumes



Caranguejo do Chef



Espaguete de camarão

Luiz Alexandre Raposo

Num passado não muito distante, ele foi um dos santos de maior devoção entre os vianenses. Tanto prova que, além de ter sua própria igreja e de uma festa anual que atraía multidões de devotos, São Sebastião dava nome a uma escola primária (mantida pelo Estado) e uma rua no centro da cidade, sem esquecer o cemitério municipal de Viana.

Na década de 1960, embora a cidade fosse bem menor, falava-se inclusive no “bairro São Sebastião”, o qual abrangia alguns quarteirões das Ruas Coronel Campelo, Castro Maia e Celso Magalhães circunvizinhos à Praça São Sebastião, onde se localizava a pequena igreja de fachada azulejada.

Havia também a lancha “São Sebastião” que fazia a ligação constante da cidade com a capital, transportando passageiros e mercadorias das mais diversas para abastecer o comércio local. Seria praticamente impossível estimar o número de vianenses que, a bordo da lancha São Sebastião, singraram os rios Maracu, Pindaré e Mearim para, finalmente, atravessar o temido Boqueirão sob as bênçãos do santo protetor.

Santo destronado – De todas essas homenagens, só resta o velho cemitério (em péssimas condições) que ainda mantém o nome do santo guerreiro. A igreja em estilo barroco foi demolida em 1962 para, em seu lugar, ser construída a Escola Normal N. S. da Conceição. Sete anos depois, após o falecimento do 1º bispo da Diocese de Viana, a Rua São Sebastião trocou de nome, passando então a se chamar Dom Hamleto de Angelis. Já o Grupo Escolar São Sebastião, que funcionava no mesmo prédio do Estevam Carvalho durante o turno vespertino, foi extinto em 1986, quando este último passou a funcionar nos dois turnos.

Festa concorrida – Realizada em mês de janeiro e ansiosamente aguardada pela população local, a festa de São Sebastião atraía centenas de visitantes de vários outros municípios, inclusive de São Luís. As novenas rezadas à noite (com banda de música tocando no largo) reuniam devotos de todas as idades. No dia do santo, então, a cidade acordava sob alvorada de foguetes chamando para a missa e procissão, ambas concorridíssimas. E ainda havia o baile de encerramento dos festejos do santo, considerado o primeiro

SÃO SEBASTIÃO

UM SANTO ESQUECIDO PELOS CATÓLICOS VIANENSES DA ATUALIDADE



grito do carnaval vianense que, por esse motivo só, já atraía o interesse de muita gente, principalmente dos mais jovens.

Fato intrigante – Enquanto em muitas cidades brasileiras, São Sebastião continue sendo um dos mártires mais cultuados da Igre-

ja Católica (sem contar aquelas onde é o padroeiro absoluto, a exemplo do Rio de Janeiro), em Viana o santo milagroso perdeu todo o prestígio do passado.

O fato não deixa de ser intrigante: afinal, por que a comunidade vianense permitiu que um santo tão querido caísse no completo esquecimento? A justificativa não pode ser pela simples perda de sua igreja e consequente extinção de sua festa. Caso assim fosse, o mesmo teria acontecido com N. S. de Nazaré que também perdeu sua capela original e o aprazível recanto onde sua festa era realizada. No entanto, a santa continua sendo reverenciada pelos católicos da cidade que até lhe deram uma paróquia com uma nova igreja, em um novo bairro.

Tradição católica – Em épocas distintas, ao longo de dois séculos e meio de caminhada religiosa, foram vários os santos cultuados em Viana. Vários deles, entretanto, não conseguiram conquistar, definitivamente, lugares cativos no seio da coletividade. Como exemplo, podem ser citados Santo Antônio, São Tarcísio, São Bonifácio, Nossa Senhora Aparecida e São Judas Tadeu, entre outros.

Somente quatro santos se destacariam dos demais por possuírem raízes profundas na tradição católica vianense. São eles: Nossa Senhora da Conceição, a padroeira da cidade (que ganhou sua igreja logo que aqui aportaram os jesuítas); São Benedito e São Sebastião (introduzidos pela fé dos primeiros colonizadores portugueses, que não demorariam a construir uma igreja para cada santo); e finalmente N. S. de Nazaré, a última a conquistar a veneração dos vianenses, tendo seu culto se iniciado por estas



A devoção a São Sebastião continua forte entre os brasileiros de todas as regiões do país



Na cidade histórica de Ouro Preto (MG), a procissão do santo arrasta multidões de fiéis

Imagem tosca de São Sebastião em um dos nichos da Catedral de N. S. da Conceição, em Viana



O velho cemitério (onde repousam centenas de seus ex-devotos) é o único logradouro público que ainda conserva o nome do santo em Viana

bandas na década de 1930. Entre os quatro, depois da padroeira, São Sebastião era certamente o santo que detinha maior predileção por conta dos inúmeros milagres a ele atribuídos. Mesmo assim, em menos de trinta anos, foi banido do calendário religioso da cidade.

No momento atual, em que a Diocese de Viana é dirigida por um pastor que coincidentemente traz o nome de “Sebastião”, não seria a hora oportuna para fazer ressuscitar a fé neste santo mártir que acompanhou, durante mais de dois séculos, a trajetória do povo vianense?

QUEM FOI SÃO SEBASTIÃO

Segundo os Actos apócrifos, atribuídos a Santo Ambrósio de Milão, Sebastião era um soldado que teria se alistado no exército romano por volta de 283 d.C. unicamente com o objetivo de fortalecer a fé dos cristãos, enfraquecida diante das torturas. Era estimado pelos imperadores Diocleciano e Maximiano que, ignorando tratar-se de um cristão, o designaram como capitão da Guarda Pretoriana. Por volta de 286, no entanto, sua conduta branda para com os prisioneiros cristãos levou o imperador a julgá-lo sumariamente como traidor e ordenar sua execução por meio de flechas (que se tornariam símbolos constantes na sua iconografia). Dado como morto, o corpo do jovem capitão foi jogado no rio. Uma cristã chamada Irene (futura Santa Irene) foi quem o retirou das águas e cuidou de seus ferimentos. Restabelecido, Sebastião apresentou-se novamente diante de Diocleciano, que ordenou então que ele fosse espancado até a morte. Seu corpo foi jogado no esgoto público de Roma. Luciana, outra jovem cristã e também futura santa (cujo dia é comemorado a 30 de



Junho) resgatou seu corpo, limpou-o, e sepultou-o nas catacumbas. O bárbaro método de execução de São Sebastião fez dele um tema recorrente na arte medieval, originando assim sua representação como um jovem amarrado a uma estaca (ou árvore) e perfurado por várias flechas. Tal como São Jorge, Sebastião foi um dos soldados romanos mártires e santos, cujo culto nasceu no século IV e que atingiu o seu auge nos séculos XIV e XV, tanto na Igreja Católica como na Igreja Ortodoxa. Embora os martírios sofridos por ele possam provocar algum ceticismo junto aos estudiosos atuais, certos detalhes são consistentes com as atitudes de mártires cristãos de sua época.

SINGELA HOMENAGEM



A união do casal Gerson Costa e Lurdinha Carvalho Costa durou 63 anos e somente foi interrompida com o falecimento dele em agosto passado (veja nota fúnebre à página 6). O que poucos sabem é que o namoro dos dois se firmou durante uma festa de São Sebastião, em Viana, onde ela costumava vir passar as férias escolares. Por esse motivo, a antiga devoção ao santo que abençoou o romance do casal não seria esquecida, mesmo depois de tanto tempo. Prova disso é que ao retornarem a Viana, na década de 80, tanto a farmácia dele como a Fundação criada por ela em apoio às famílias carentes de Viana foram batizadas de “São Sebastião”.



A farmácia e a fundação que levam o nome do santo guerreiro

FOTOS: GERALDO COSTA

Mundinha Araujo recebe título de Doutora Honoris Causa

WAGNER MOREIRA



O reitor da UEMA, professor José Augusto Silva Oliveira, entrega o título a Mundinha

Na noite do último 20 de novembro, dia da Consciência Negra, a escritora Mundinha Araujo recebeu o título de Doutora *Honoris Causa*, outorgado pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Nada mais justo para uma competente e dedicada estudiosa da história do negro no Maranhão.

Mundinha, cujo nome de batismo é Maria Raimunda Araujo, foi professora e exerceu cargos importantes no cenário cultural maranhense, como o de Diretora do Arquivo Público do Estado (1991-2002). Como autora do livro *Insurreição de Escravos em Viana – 1867* (veja chamada à 1ª página), Mundinha estreitou os laços com nossa cidade, ministrando palestras nos Congressos Culturais organizados



A pesquisadora entre os membros da AVL que prestigiaram a cerimônia

pela Fundação Conceição do Maracou ou participando das reuniões da AVL, quando do lançamento da 2ª edição da citada obra.

Mundinha é autora também dos seguintes trabalhos: *Breve Memória das Comunidades de Alcântara*; *Do-*

cumentos para a História da Balaia-da (org.); Em busca de Dom Cosme Bento das Chagas – NEGRO COSME – Tutor e Imperador da Liberdade; Descendência de Elesbão Lourenço de Araujo e Ana Raimunda de Sá Caldas (Donana).

JORRIMAR DE SOUSA

Prefeitura assume Casa da Cultura



Com a próxima mudança de governo no Maranhão, temeu-se muito pelo fechamento da Casa da Cultura de Viana, já que tanto o aluguel do imóvel, como a contratação dos funcionários da segurança e limpeza, eram por conta do atual governo do Estado.

Felizmente, o prefeito Francisco Gomes deu sua palavra de que irá manter a casa em funcionamento, devendo transferir para o prédio a sede da Secretaria Municipal de Cultura e, em caráter de urgência, a Escola de Música Maestro José Piteira.

A AVL congratula-se com a administração municipal por esta feliz iniciativa, principalmente em favor da nossa Escola de Música, a qual funcionava precariamente num prédio mal iluminado e sem nenhuma manutenção.

2º ENCONTRO DOS GOMES



Aproveitando a data de aniversário das primas Milaid e Núbia, a tradicional família Gomes reuniu-se novamente em São Luís para outra grande confraternização, realizada no dia 14 de novembro passado, na sede da AMPEM (Associação do Ministério Público do Maranhão), no Calhau.

Desta vez, porém, o encontro não ficou restrito somente aos membros da família.

Vários convidados, sendo a grande maioria de vianenses, puderam participar da festa que contou com a animação do grupo musical *Kiko Show*.

As duas fotos acima mostram a alegria e a descontração de pelo menos três gerações dos Gomes reunidas naquela noite. Para “caber” nas fotografias, a numerosa família precisou se dividir em dois grupos: o de homens e o de mulheres.

GERSON DE OLIVEIRA COSTA

★ 24/07/1931 † 31/08/2014



Pertencente à Loja Maçônica “Acácia e Fraternidade Vianense” e ex-presidente da Associação Comercial de Viana, Gerson de Oliveira Costa faleceu em São Luís, deixando viúva a Sra. Maria de Lourdes de Carvalho Costa. Filho do famoso comerciante Messias Costa, Gerson Costa administrou uma empresa distribuidora de medicamentos de diversos laboratórios, em São Luís, durante muitos anos.

Na década de 80, depois dos filhos formados, realizou um sonho de juventude e retornou à sua terra natal, onde fundou a “Farmácia São Sebastião”. Pai de sete filhos, torcedor do Moto Clube e do Flamengo, o falecido deixa saudades entre seus familiares e as centenas de amigos que o admiravam pelo seu bom humor e dedicação ao trabalho.



Lourival Serejo

FAMÍLIA BENEDITO LIMA

irmão do maestro Temístocles Lima. Do seu pai afetivo, herdou o título e a funerária. De quebra, ainda veio o aprendizado da música, tendo, inclusive, tocado na famosa orquestra de Ozias Mendonça, seu cunhado.

O pai biológico de Benedito Lima era o senhor Egídio Rodrigues, marido de dona Chiquita, sua segunda esposa. Ainda o conheci bem idoso, recolhido em seu canto e falando pouco.

Entre o comércio e a funerária, Benedito Lima passou a vida inteira trabalhando e servindo à comunidade vianense. Quase todas as famílias da cidade utilizaram os serviços funerários da sua oficina.

Benedito Cunha Rodrigues era casado com Rosa Nery Rodrigues. Desse feliz casamento, resultou o nascimento de onze filhos, nesta ordem de antiguidade: Benedito Nery Rodrigues, Maria José Rodrigues Travassos, José Ribamar Nery Rodrigues, Pedro Nery Rodrigues, Djanira Rodrigues Calixto, Luís Nery

Rodrigues, Maria da Graça Rodrigues Nunes, João Nery Rodrigues, Maria de Lourdes Rodrigues Furtado, Wilson Nery Rodrigues e Maria da Conceição Rodrigues Machado.

Desses onze filhos, todos casados, resultaram 42 netos, 32 bisnetos e mais de vinte tetranetos, até o momento. Já faleceram os filhos Maria José Rodrigues Travassos, conhecida como dona Zeca, esposa de Senhor Penha, Pedro Nery Rodrigues, Luís Nery Rodrigues e João Nery Rodrigues. Seguiram a carreira de músicos os filhos: Benedito Nery Rodrigues, José Ribamar Nery Rodrigues, Luís Nery Rodrigues e João Nery Rodrigues.

José Ribamar Nery Rodrigues, conhecido por Zuza, foi dono da Banda do Sol, muito conhecida e aplaudida em Brasília, por muitas décadas. Juntamente com Seu Nunes, outro maestro vianense, levou a tradicional música de Viana para a Capital Federal.

Como colega de turma de Maria

da Conceição, mais conhecida por “Concita de Benedito Lima”, eu frequentava sempre a casa dos seus pais. Cheguei a ministrar-lhe algumas aulas de inglês, não sei como, se pouco sabia dessa língua. Ali, sempre fui bem recebido por todos.

Um fato notável que se registra sobre esse núcleo familiar é o sentimento de conservação da moradia da família. A casa continua sendo a casa da família, conservada e visitada pelos filhos sempre que visitam Viana. Esse apego à casa é bem explicado por Bachelard ao dizer que a casa é valor vivo, um estado de alma.

Já disse em outra oportunidade e volto a insistir: a importância destas crônicas sobre as famílias vianenses é não deixar no esquecimento essas formações familiares extensas, com muitos filhos, que caracterizaram aquela sociedade no século passado.

Benedito Cunha Rodrigues faleceu em 15 de outubro de 1991. Dona Rosa Nery Rodrigues, por sua vez, faleceu em 4 de agosto de 1993.

A rigor, esse título não está certo. Deveria ser “A família Benedito Cunha Rodrigues”, o verdadeiro nome de Benedito Lima. Mas, quem o conhece, em Viana, com esse nome de registro? Só os familiares próximos. Haveria o risco de ninguém se interessar em saber sobre a família de um desconhecido. Por isso, optei em fazer a chamada pelo nome que o identificou na sociedade vianense enquanto esteve vivo e na lembrança de todos que o conheceram: Benedito Lima.

O motivo de o sobrenome Lima ter se agregado ao de Benedito é que ele foi criado por Tonico Lima,

O SIMBOLISMO DO PRESÉPIO



FOTOS: GOOGLE

Luiz Alexandre Raposo

Nos anos 50 e 60 do século passado, a chegada do Natal em Viana era sempre marcada pelos preparativos para a armação do presépio. Não se tinha árvores de Natal, muito menos luzes coloridas e cintilantes, até porque a cidade ainda não contava com energia elétrica permanente. Mas nem por isso o período natalino perdia o brilho e encanto.

Mistura de religiosidade e tradição, a montagem do presépio era um costume inserido na cultura local, tanto que quase todas as famílias vianenses de classe média, naquela época, possuíam um presépio. E havia até um cronograma previamente estabelecido para sua preparação e montagem: no dia 13 de dezembro, dia consagrado a Santa Luzia, plantava-se as sementes de arroz com casca que, depois de germinarem e crescerem (algo em torno de dez centímetros), iriam compor a decoração do presépio. No dia 21 saía-se em busca da murta, planta arbustiva que por essa época abundava nas cercanias da cidade. E finalmente no dia 22, três dias antes do Natal, o presépio era montado na sala da casa, onde todos pudessem admirá-lo.

Naqueles tempos, a montagem do cenário onde o menino Jesus iria nascer exigia amor, trabalho e dedicação. Primeiro era preciso fazer uma armação de arame em forma de meio-círculo no qual seria fixado o “céu”, confeccionado em papel de seda azul; uma meia-lua, algumas estrelas e principalmente a



estrela Dalva com sua longa cauda eram cuidadosamente recortadas em papel prateado para serem coladas no céu (por serem prateados, usavam-se os invólucros internos das carteiras de cigarro como matéria prima).

Depois, então, era preparada

a base do presépio em uma mesa ou outro móvel de superfície plana, totalmente coberta por uma camada espessa de serragem de madeira. Um espelho com a moldura encoberta pelos farelos de serragem representava um pequeno lago, sobre o qual eram



colocados patinhos como se estivessem nadando. A um canto, os pés de arroz bem verdinhos davam mais vida ao cenário. O restante ficava por conta da criatividade de cada um. Mas não podiam faltar os personagens principais do enredo que ocupavam o centro do presépio: José, Maria, o menino Jesus na manjedoura, o burrinho, a vaca e finalmente os três reis magos com suas oferendas. Alguns ainda acrescentavam as figuras do anjo e dos pastores com suas ovelhas. Enfim, a “riqueza” de personagens dependia das posses do dono da casa, mas a beleza do presépio artesanal ficava unicamente por conta da criatividade e bom gosto de quem o montava.

Entretanto, o mais importante a destacar é que o presépio, naquele tempo, não significava apenas uma decoração do Natal, como normalmente é visto nos dias atuais. Carregava um simbolismo muito maior: era como se o nascimento do filho de Deus ocorresse particularmente no seio daquela família. Tanto que era costume se fazer orações à noite, em frente ao presépio, não apenas nos dias que antecederiam o nascimento do menino Jesus, mas até o dia 6 de janeiro, quando se comemorava a visita dos reis magos ao recém-nascido. E não era raro contar com a participação de vizinhos, amigos e parentes nesses momentos de celebração da mais genuína fé cristã.

No dia 7 de janeiro o presépio era desmontado, mas o cheiro suave da murta permanecia ainda por alguns dias pelos cômodos da casa.

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo (Reg. 0000821-MA)
e-mail: luiz.raposo@uol.com.br
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459,
Viana – MA CEP: 65.215-000

ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 40,00 (quarenta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5
Nº da agência: 2972 – 6

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem renovar a assinatura, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).

JAZZ VIANENSE

UMA ORQUESTRA QUE MARCOU ÉPOCA NO MARANHÃO

Luiz Alexandre Raposo

No final dos anos 1940, uma orquestra de 14 músicos ganhou fama entre as demais da capital, roubando-lhes a cena e os contratos com os clubes sociais para os bailes e temporadas carnavalescas. Chamava-se Jazz Vianense, nome bastante adequado, já que a maioria de seus integrantes (oito ao todo) eram naturais de Viana.

A base do cast era formada pelos filhos do tabelião Ozias Mendonça que, depois de tocarem em Viana por alguns anos na banda São Benedito, de propriedade do pai, migraram para São Luís em busca de um mercado mais promissor. Liderados pelos dois irmãos mais velhos, João (Joca) e Benedito (Seu Bito), a orquestra contava com a participação dos outros três irmãos Raimundo José (Seu Nunes), Ozias (Seu Nem) e o caçula, Raimundo. Além deles havia outros três músicos vianenses: Osmar Reis, Osvaldo Costa e Raimundo Leite. O restante da orquestra era composta por um profissional de Cururupu (Gregório Sousa), um de Barra do Corda (Valter Brenha), um de Teresina (Severo Souza) e três de São Luís (José de Roque, Josemar Silva e a única mulher do grupo, a pianista Concita Moreira).

Quando Dilú Mello, no auge do sucesso e da fama, visitou Viana em 1949, chegou acompanhada do Jazz Vianense para o show que se realizaria na Praça da Prefeitura. O jornalista Gilona de Araújo, do jornal "Diário de São Luís", que acompanhou a artista nessa viagem, registrou na edição de 25/9/1949: *Não poderíamos deixar de falar nesta reportagem do Jazz Vianense, melhor conjunto orquestral da nossa capital, composto exclusivamente de vianenses. E mais adiante: O Jazz é uma plêiade de moços que tem um largo futuro pela frente, se procurar uma metrópole onde possa alargar os seus conhecimentos. Inteligentes, ativos, músicos de nascença, esses rapazes possuem a ânsia incontida*



Componentes do Jazz Vianense (em pé): José Roque (bateria), Josemar Silva (cantor e pandeiro), Osmar Reis (trombone), Gregório Sousa (pistom), Osvaldo Costa (violão); Raimundo Leite (contrabaixo), Severo Sousa (sax) e Valter Brenha (sax); sentados (os cinco filhos e a nora de Ozias Mendonça): Seu Nunes (sax), Ozias (sax), Benedito (pistom), Concita (piano), João (trombone) e Raimundo (pistom).

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Na comemoração de suas bodas de ouro, o desembargador aposentado com o saxofonista Josué



O ex-músico Ozias Mendonça (em foto atual) com a esposa Maria da Providência Azevedo Mendonça

de se aperfeiçoarem. São apaixonados pelos seus instrumentos. Executam-no com satisfação, uma satisfação que se exterioriza nas suas feições.

O Jazz Vianense chegou a se apresentar fora do Estado, como ocorreu quando da inauguração do River Atlético Clube, em Teresina (Piauí). O hoje desembargador

aposentado Ozias Rodrigues Mendonça (87 anos), o único ex-integrante do Jazz ainda vivo, recorda do brilhantismo dessa excursão e de muitas outras festas nas quais tocou com a orquestra. Foram mais de dez anos de sucesso, embora o auge do Jazz Vianense tenha ocorrido entre 1946 a 1956.

Tocando sax alto, o futuro advogado Ozias (Seu Nem) passou a tomar parte na orquestra em 1944, aos 17 anos, ao chegar a São Luís para estudar na antiga Escola Técnica Federal (atual SEFET). Ao contrário de seus outros irmãos que ingressaram no Exército e fizeram carreira como músicos, ele preferiu dar continuidade aos estudos. Depois de formado e contratado pelo Tribunal de Contas do Estado, em 1954, ainda continuou tocando no Jazz em alguns bailes, a pedido do irmão Benedito. Em junho de 1959, depois de nomeado Promotor de Justiça de São Vicente Ferrer, entregou o instrumento ao irmão e abandonou definitivamente a música.

O Jazz Vianense, no entanto, tendo à frente Benedito Mendonça e a esposa Concita Moreira, continuaria animando os salões musicais de São Luís até o início dos anos 60. Ao longo de toda sua existência, alguns outros músicos (vianenses ou não) fizeram parte provisoriamente da orquestra como reforço, ou em substituição aos que deixavam o grupo. Entre os vianenses, também abrilhantaram o Jazz: Zé Hemetério (violino) e seu irmão Antônio Pixé (pandeiro e pistom); Randolfo Soeiro (2º trombone); Emídio Gaspar (3º sax alto); Raimundo Leite (contrabaixo) e Antônio Cordeiro (3º sax alto).

Ao encerrar sua trajetória, o Jazz Vianense deixou escrita, sem dúvida, uma bonita história de sucesso, numa época em que Viana era uma fábrica de músicos, pois como dizia o mesmo repórter Gilona de Araújo, em setembro de 1949: *Antes de tudo é preciso que se diga que Viana é a terra da música, assim como também foi na Europa a sua parônima, Viena.*